

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA

Rozane Curto Morais

A GÊNESE DO CONCEITO DO INCONSCIENTE EM S. FREUD SEGUNDO DOIS DOS
SEUS BIÓGRAFOS

Porto Alegre

2022

Rozane Curto Morais

A GÊNESE DO CONCEITO DO INCONSCIENTE EM S. FREUD SEGUNDO DOIS DOS
SEUS BIÓGRAFOS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em filosofia

Orientador(a): Professor Doutor Ricardo Crissiuma

Porto Alegre
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Morais, Rozane Curto

A GÊNESE DO CONCEITO DO INCONSCIENTE EM SIGMUND
FREUD SEGUNDO DOIS DOS SEUS BIÓGRAFOS / Rozane Curto
Morais. -- 2022.

38 f.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Crissiuma.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Filosofia, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Sigmund Freud. 2. Peter Gay. 3. Ernest Jones. 4.
Inconsciente. 5. Biografia. I. Crissiuma, Prof. Dr.
Ricardo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rozane Curto Morais

A GÊNESE DO CONCEITO DO INCONSCIENTE EM S. FREUD SEGUNDO DOIS DOS
SEUS BIÓGRAFOS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel(a) em Filosofia

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Renato Duarte Fonseca — UFRGS

Bacharel em Filosofia Paula Rech, Mestranda em Filosofia — UFRGS

Orientador

Prof. Dr Ricardo Crissiuma

Dedico, como todos os dias em tudo o que faço, à memória de meus amados avós-pais maternos Antonio e Conceição Curto, que me possibilitaram viver e sentir-me amada.

AGRADECIMENTOS

Grata pela paciência do professor orientador, Ricardo Crissiuma que, além disto pôs um enérgico limite à minha tendência à procrastinação.

Grata à minha maravilhosa filha Paloma, pela paciência e incentivo, além do abstract.

Grata a Rafael Ramires, pela formatação- e paciência!

Grata à tia Irene, pelas orações e confiança irrestrita em mim.

Grata a meu filho Conrado, por tantas vezes abrir espaço para meus estudos.

Grata à minha Paola, tão distante, neste caso simplesmente por existir e ter me dado uma joia a quem almejo ser exemplo, Lucca.

Grata a meu inesperado amor além-mar, Vito, pelo incentivo, porcamiseria!

RESUMO

Nem sempre é fácil dizer a verdade! Com este argumento pode-se de certa forma resumir o problema que Freud enfrentou e que pode ter culminado na sua busca de conceitualizar o inconsciente; foi o que tivemos como direcionamento geral deste trabalho de pesquisa, através da revisão bibliográfica onde se buscou reconstituir o seu momento de vida conforme descrito por dois de seus biógrafos, escolhidos pela ordem cronológica de publicação. No primeiro capítulo, contemplamos a visão de Ernest Jones, em sua biografia de Freud intitulada “Vida e Obra de Sigmund Freud”, através do capítulo número 13 “O Período com Fliess”, cuja amizade desaguou na autoanálise de Freud. O segundo capítulo ateu-se ao capítulo 2 da biografia de Peter Gay, “Freud, Uma Vida para o Nosso Tempo”, intitulado “A teoria em Formação”, que também foi seguido pelo capítulo da autoanálise. Chegou-se à conclusão de que o grande impulsionador de sua descoberta e consequente conceitualização do inconsciente foi a situação de apego intensamente vivida com Wilhelm Fliess.

Palavras-Chave: Inconsciente. Dependência Emocional. Sofrimento Psíquico.

ABSTRACT

It's not always easy to tell the truth! With this argument one can, in a way, summarize the problem that Freud faced and that may have culminated in his quest to conceptualize the unconscious; this was what we had as the general direction of this research work. It's done through the bibliographic review where we sought to reconstitute his moment of life as described by two of his biographers, chosen by the chronological order of publication. In the first chapter, we contemplate the vision of Ernest Jones, in his biography of Freud entitled "Life and Work of Sigmund Freud", through chapter number 13 "The Period with Fliess", whose friendship resulted in Freud's self-analysis. The second chapter focused on chapter 2 of Peter Gay's biography, "Freud, A Life for Our Time", entitled "Theory in Formation", which was also followed by the chapter on self-analysis. It came to the conclusion that the great impetus for his discovery and consequent conceptualization of the unconscious was the attachment situation intensely experienced with Wilhelm Fliess.

Keywords: Unconscious. Emotional Dependence. Psychic Suffering.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
2.	A AMIZADE COM WILHELM FLIESS E A GÊNESE DO CONCEITO DE INCONSCIENTE SEGUNDO ERNEST JONES.....	11
2.1	A BIOGRAFIA ESCRITA POR JONES	11
2.2	O SURGIMENTO DO INCONSCIENTE	16
3.	O MESMO PESO DO AMIGO NECESSÁRIO — PETER GAY.....	25
4.	CONCLUSÃO.....	35
	REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de revisão bibliográfica tem por finalidade, ao tentar reconstituir a situação pessoal que Freud vivia na época da introdução do conceito de inconsciente, rastrear o que pode tê-lo impulsionado na sua formulação. Nisto, partiu-se das versões dadas de partes da vida de Freud por dois de seus principais biógrafos. Pela ordem cronológica da publicação destas biografias, trabalharemos, no primeiro capítulo, com a biografia intitulada “Vida e Obra de Sigmund Freud”¹ que foi a compilação de 1979 feita por Lionel Trilling dos três volumes escritos a partir de 1950 por Ernest Jones, médico e leal seguidor das ideias de Freud em relação às suas descobertas, e com o qual conviveu por mais de 30 anos². Dedicaremos o segundo capítulo à biografia intitulada “Freud: Uma vida para o nosso tempo”, lançada em 1988 por Peter Gay, historiador alemão radicado nos EUA, com formação psicanalítica. Peter Gay³ não conviveu com Freud, mas ocupou-se em diversas obras com o contexto de surgimento da psicanálise ao final do século XIX.

Dado que o “Conhece-te a ti mesmo” já de tão longa data é afirmado como uma necessidade a qual o ser humano deve ter como certa prioridade, faz-se importante rastrear o que pode ter sido a ânsia que mobilizou Freud até chegar à suspeição de que havia um algo na vida mental além do que era conhecido, consciente. Ou, para usar os seus termos, para passar a não acreditar mais em sua neurótica.

Houve, antes da construção do conceito “Inconsciente” uma pré-formação importante da teoria psicanalítica. Esta pré-formação já se construía ao tempo do método catártico por Joseph Breuer, médico, pesquisador e fisiologista em Viena, por tempos grande amigo de Freud; faziam já uso de uma terminologia que depois seria substituída pelo conceito de Inconsciente.

Freud, que comungava inicialmente com Wilhelm Wundt, Franz Brentano e William James (Caropreso, 2008), na ideia de que o mental se limitava ao que era consciente, o que está evidenciado no seu texto sobre Afásias, de 1891, onde, conforme a apresentação intitulada “Das Afásias à Histeria: A Fórmula para Histeria”, “(...) Freud introduz a concepção

1 JONES, Ernest; TRILLING, Lionel (org.); STEVEN, Marcus. **Vida e Obra de Sigmund Freud**. Tradução: Marco Aurelio de Souza Matos. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979. A Vida e Obra de Sigmund Freud originalmente publicada em 3 volumes. Primeiro em 1953, segundo em 1955, terceiro 1957, nos Estados Unidos. A edição de um volume resumida por Lionel Trilling e Steven Marcus de 1961 foi aquela os baseou.

2 Fonte: MARQUES, Izabel de Madureira. A importância de ser Ernest Jones: **uma leitura psicanalítica sobre a invisibilidade de um homem notável**. 2018. 288 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

3 GAY, Peter. **Freud: Uma Vida Para o Nosso Tempo**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

de um aparelho de linguagem que repousa sobre um domínio cortical contínuo.” (JORGE, GARCIA-ROZA, 2018)

Fátima Caropreso, no seu artigo *A Relação entre a Percepção e a Representação nos Primórdios da Metapsicologia Freudiana*, coloca:

Podemos encontrar, desde o início da teorização freudiana no texto “Sobre a concepção das Afasia”, a formulação de uma teoria da representação que será desenvolvida nos textos freudianos subsequentes e continuará pressuposta em seus aspectos essenciais, em todo o restante do percurso teórico de Freud... O segundo passo fundamental dessa teoria é dado no “Projeto de uma Psicologia” onde a representação, que antes ainda era pensada como um fenômeno necessariamente consciente, passa a ser concebida como um fenômeno anterior à consciência e independente desta. (CAROPRESO, 2003b)

Em 1895, Freud escreveu um texto de cerca de 100 páginas, intitulado “Psicologia para Neurologistas”; em carta a Fliess, datada de 27 de abril de 1895, dá notícias de que estava exausto de trabalhar neste texto, a tal ponto que não queria mais ouvir falar nele. Em setembro do mesmo ano, foi visitar Fliess em Berlim. Pelo visto, este período com o amigo ajudou-o a retomar o assunto, pois o Projeto foi retomado logo em seguida: em carta de 28 de setembro, diz: “meu cérebro descansado agora encara como brincadeira as dificuldades encontradas.” (FREUD, 1895). E envia a Fliess dois cadernos dos “rabiscos”, como diz, que já fizera. Diz ele:

Elas foram inteiramente rascunhadas depois de minha volta e lhe dirão pouca coisa a título de novidade. Conservei comigo um terceiro caderno, que trata da psicopatologia do recalçamento, porque ele só leva o assunto até certo ponto. A partir daí, vi-me forçado a reiniciar todo o trabalho em esboços e tenho estado ora orgulhoso e contente com ele, ora envergonhado e deprimido; até agora, depois de um excesso de tormentos mentais, digo a mim mesmo, apaticamente, que o material ainda não se coaduna e talvez nunca venha a se coadunar. O que não consigo enquadrar não é o mecanismo - para isso não me faltaria paciência -, mas sim a explicação do recalçamento, embora, diga-se de passagem, tenha efetuado grandes progressos no que tange a seu conhecimento clínico. (MASSON, 1986)

Já falava, portanto, de material recalçado; material este que claramente depois imputaria estar localizado no inconsciente.

Parece incontestável, pela descrição de como se sucedeu a amizade entre Freud e Wilhelm Fliess, a qual sucedeu em importância — e superou, parece — àquela com Breuer, tal como colocada no capítulo 13 da biografia feita por Jones, que o compartilhamento de interesses científicos existente entre os dois e a fusão destes interesses com aspectos íntimos de Freud embasou grandemente o desenrolar de sua teorização e definição do conceito de inconsciente. A culminância de suas descobertas teve como material de pesquisa, como

veículo de estudo, a partir desta amizade, ele mesmo, Freud, seus conflitos internos, seu sofrimento psíquico.

Da mesma forma, na biografia de autoria de Peter Gay, a relevância tanto da relação de amizade e apoio que recebia Freud de Fliess, como a peculiaridade do sentimento que ele devotava a Fliess são colocados como impulsionadores, verdadeira alavanca para a teorização que resultou na sistematização da Psicanálise. Como disse Arquimedes, dê-me um ponto de apoio e uma alavanca e eu moverei o mundo.

2. A AMIZADE COM WILHELM FLIESS E A GÊNESE DO CONCEITO DE INCONSCIENTE SEGUNDO ERNEST JONES

2.1 A BIOGRAFIA ESCRITA POR JONES

Na aba não assinada da terceira edição da biografia escrita por Jones, intitulada “Vida e Obra de Sigmund Freud”, encontra-se o que nos parece uma definição adequada do que se constitui esta biografia:

Incorpora a faculdade de tornar vivas e atuais as cenas e ambiências passadas, de trazer à nossa presença o deslumbramento dos primeiros sucessos assim como o clima sombrio de algumas derrotas. Os acentos dramáticos das dissensões- as penosas rupturas com Jung, Adler, Rank — lembra-nos que o movimento psicanalítico era, afinal, uma tarefa de homens de carne e osso, e este componente vivo fornece ao livro a sua carga de lutas, de entrechoques, de discordâncias frequentemente áspera, mas perfeitamente à altura dos formidáveis problemas que suscitava. (JONES, 1979)

Ajunto que, comparando as duas biografias, de Jones e Peter Gay, parece-me claro que Jones tinha um certo compromisso, talvez íntimo, de relatar muito mais fatos históricos ocorridos, apesar de ser um psicanalista; em contraposição, Gay, como veremos, aprofundou-se muito mais no psiquismo de Freud, exerceu mesmo uma certa atividade psicanalítica sobre ele, ainda que fosse de formação primariamente um historiador.

Tomados dados da biografia de Jones de autoria de Brenda Maddox, compilados por Izabel de Madureira Marques⁴ em sua tese de doutoramento, pode-se ir entendendo o porquê de ele ter sido convidado pela família Freud para ser seu biógrafo autorizado.

Ernest Jones nasceu no País de Gales em 1879; tinha, portanto, quase 3 anos a menos que Freud. Advinha de família com boas condições financeiras e culturais, seu pai era

4 MARQUES, Izabel de Madureira. A importância de ser Ernest Jones: **uma leitura psicanalítica sobre a invisibilidade de um homem notável**. 2018. 288 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

engenheiro de minas. Primogênito e único homem de uma prole de quatro, escolheu cursar medicina ao ver a atuação do médico que atendeu o parto de uma irmã sua. Em sua autobiografia conta que iniciou suas relações sexuais aos 6 ou 7 anos, só retornando a tê-las novamente aos 24 anos.

Desde os 9 anos começou a locomover-se sozinho para cidades vizinhas para estudar e esta marca de independência o acompanhou pela vida. Sempre foi aluno brilhante, inclusive conseguindo bolsas de estudo em escolas renomadas e medalhas de ouro. Ótimo orador, popular e cheio de amigos, ainda que tivesse um modo de falar que feria as pessoas, ao lado de suas muitas qualidades e grande força de trabalho. Teve diversos conflitos com autoridades, iniciando com engajamento em protesto contra um professor. Já como médico, sempre teve fama de pessoa difícil, o que levou a que tivesse dificuldades para ser aceito e manter empregos, apesar de todo brilhantismo acadêmico. Teve três uniões estáveis, tendo tido filhos apenas com a última esposa (a segunda faleceu de apendicite apenas 6 meses após o casamento).

Ouviu falar de Freud através do seu grande amigo de infância Wilfred Trotter, cirurgião. Jones interessou-se então por ler o caso Dora⁵, sabendo da crítica que já havia a respeito do artigo de Freud “Estudos sobre a Histeria” (constante no Volume II das Obras Completas).⁶ Imediatamente identificou-se com Freud, pois também tinha o hábito da escuta e anamnese judiciosas do paciente. Após a revista americana *Journal of Abnormal Psychology* ter publicado um artigo de James Jackson Putnan, neurologista americano, professor em Harvard, e também seu amigo (apesar da grande diferença de idade que tinham), sobre Psicanálise, por volta de 1906 Jones começou a praticá-la.

Na sua prática médica pelo menos por três vezes sofreu acusações de cunho sexual — na primeira chegou a dormir na cadeia! Atendendo a uma solicitação feita em seu local de trabalho, (na época, trabalhava num hospital de neurologia em Londres, e no LCC — *London County Council's*, como médico de crianças com deficiência mental) entrevistou menina que apresentara paralisia de um braço. Tendo achado a causa de tal paralisia no fato de a menina ter repellido investidas sexuais de um menino e, após sua entrevista falar às amigas que um médico falara sobre sexo com ela, foi demitido de tal local; mudou-se então para o Canadá, onde permaneceu por quatro anos, tendo antes passado seis meses na Europa, entre estudos e pesquisas.

5 Descrito no texto “Fragmento de Uma Análise Caso de Histeria”. Volume VII das Obras Completas

6 Obras Completas de Sigmund Freud, 2ªed, Ed. Imago.

Em 1907 conhece Carl Gustav Jung num congresso, o qual fala sobre ele com Freud, pois estes ignoravam que os preceitos freudianos já haviam chegado à Grã-Bretanha. Paulatinamente conhecendo os amigos de Freud (Jung, Otto Gross e Karl Abraham) Jones sugeriu a Jung que se reunissem num encontro internacional, daí nascendo o que seria o primeiro Congresso Internacional de Psicanálise (Jones atribui a Sándor Ferenczi, psiquiatra húngaro, amigo e discípulo de Freud a responsabilidade pela formação da IPA⁷, e não a si mesmo).

Foi então que conheceu pessoalmente Freud, no Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise, em 27 de abril de 1908, em Salzburgo, nominado por Jung Primeiro Congresso de Psicologia Freudiana, ao invés de Congresso Psicanalítico Internacional, como sugerira Jones.

Neste Congresso, sobre a apresentação feita por Freud sobre o Caso do Homens dos Ratos, comentou que foi “...intelectual e artisticamente um banquete!” (MARQUES, 2008). Seu expositor foi persuadido a estender sua apresentação por mais de 4 horas, tal o interesse que despertou.

Daí em diante, sua fidelidade a Freud e suas ideias foram irrestritas. Mesmo apoiando as ideias de Melanie Klein, psicanalista que, como Anna Freud, a filha mais nova de Freud, também se dedicava à psicanálise de crianças, daí resultando certa dissensão ou competição, manteve a admiração e o respeito pelo mestre.

Foi o grande proporcionador de facilidades para a vinda de pessoas ligadas ao movimento psicanalítico, e seus familiares que precisavam migrar por conta da guerra.

Segundo Izabel de Madureira Marques⁸, ainda através de dados biográficos de Jones constantes na biografia deste feita por Brenda Maddox (2006), e também dados de sua própria autobiografia, foi por solicitação da família de Freud que escreveu a biografia autorizada dele, a qual rendeu-lhe fama internacional. Isso ocorreu logo após ele ter participado do 16º Congresso da IPA pela última vez como seu presidente, em 1950. Nesta ocasião foi ovacionado pelos presentes, e recebeu o título de Presidente Honorário. A motivação da família para este convite, como consta na introdução da biografia, foi lançar luz sobre inverdades que circulavam a respeito da vida de Freud (MARQUES, 2018).

7 Associação Psicanalítica Internacional, advinda a partir da formação dos congressos internacionais de psicanálise.

8 MARQUES, Izabel Madureira de. **A importância de ser Ernest Jones: Uma Leitura Psicanalítica sobre a Invisibilidade de um Homem Notável**. Orientador: Renato Mezan. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

Segundo Lionel Trilling, crítico literário que, além de ser um dos organizadores, junto a Steven Marcus, do volume único que compilou os três volumes da biografia escrita por Jones, foi também o responsável pelo capítulo de introdução que fez à terceira edição da obra pela editora Guanabara, neste trecho encontramos:

Freud encontrou em Ernest Jones seu biógrafo predestinado e plenamente adequado...Há pouca necessidade de explicar por que o Dr. Ernest Jones se achava singularmente equipado para levar à cabo a sua árdua tarefa. Foi associado de Freud pelo período de 31 anos. O papel que desempenhou na consolidação da Psicanálise no continente americano e na Inglaterra foi decisivo. Do famoso “Comitê”, grupo formado por Freud com os seus mais admirados e fiéis colegas a fim de salvaguardar a integridade da Psicanálise depois de sua morte, o dr. Jones era um dos dois ou três mais destacados membros, tanto em inteligência quanto em capacidade julgadora (TRILLING; MARCUS; 1979).

Assim Izabel de Madureira Marques textualiza em sua Tese, sobre o comitê:

Jones escreve em carta a Freud que seria uma boa ideia montar um pequeno grupo de integrantes “completamente” analisados pelo mestre, e que pudessem assim representar a teoria “pura”, sem a contaminação de “complexos” (o que também funcionaria como uma prevenção para outras dissensões). E, em nota de rodapé, ajunta a fonte: Carta de 30.07.1912 in Freud-Jones correspondence, p146. Citada por Maddox, 2006, p.101.

Em sua autobiografia Jones nos conta que para esta ideia se inspirou em um sonho romântico de infância: Carlos Magno e seus paladinos. Freud acha a ideia excelente e aceita prontamente: era o Comitê Secreto. O pequeno grupo de “eleitos” seria formado pelos integrantes – ao redor de Freud: Jones, Abraham, Ferenczi, Hanns Sachs e Otto Rank.

O Comitê foi formado por iniciativa de Jones no outono de 1912. Aproximava-se o final da relação entre Freud e Yung, que deixava cada vez mais claro que suas opiniões estavam tomando rumo diverso daquelas de Freud: começou a chamá-la psicologia analítica, na busca de diferenciá-la da psicanálise. Tinha o propósito, o Comitê, de manter a coerência dos pressupostos da teoria psicanalítica e a instituição psicanálise no seu legado. Era formado inicialmente por Freud, Jones, Abraham, Ferenczi, Rank e Hanns Sachs. Max Eitingon juntou-se ao grupo 7 anos após sua formação, em 1919. O Comitê Secreto tem sua primeira reunião em maio de 1913. Freud presenteia cada integrante com um anel com uma inscrição grega; agora todos deveriam se analisar “por completo”. Quem fica a cargo de analisar Jones é Ferenczi. Maddox, 2006, p 108.

Foi a primeira “análise didática” da história: 1 h duas vezes ao dia, por 2 meses. Sobre ela, Jones diz: Levou a uma harmonia interior muito maior comigo mesmo, me deu uma compreensão inestimável e pelo modo mais direto dos caminhos da mente inconsciente e foi altamente instrutivo se comparado com o conhecimento mais intelectual que eu tinha antes disso.”

As reuniões do Comitê sofreram interrupção por conta da guerra, dando-se o primeiro encontro ao vivo após ela em setembro de 1921, com a presença de Eitingon, que entrara em 1919. No entanto, por volta de 1923 “as relações no Comitê estão beirando o insuportável, todos brigando por interesses e por dinheiro, uns contra os outros” ...Funcionaria ainda com muitos conflitos

9 Grupo que se reunia às quartas feiras na casa de Freud, com o intuito de manter o corpo da teoria da psicanálise livre de dissensões, composto por Freud e alguns dos seus mais fiéis seguidores.

internos por mais algum tempo, e logo todos estavam contra Rank — que havia lançado um livro sobre trauma do nascimento e, portanto, se afastando demais das ideias do mestre. Em 1924 Rank deixaria o grupo e iria para os EUA (MARQUES, 2018).

Trilling (1979) ainda comenta:

Jones, vinculado como estava à Psicanálise nos seus aspectos, digamos, mais ortodoxos, a ele foi sempre possível, pela razão mesma dessa vinculação vigorosa, assumir e manter-se ao nível de Freud acerca de certos itens da teoria. A sua própria eminência permitiu-lhe julgar a Freud com afetuosa objetividade assim como expressar a sua grande admiração.

Aqui se interpõe uma questão: mas a admiração que nutria por Freud não terá prejudicado esta aludida objetividade e imparcialidade? Brenda Maddox, biógrafa de Jones, esclarece que uma das críticas a Jones coloca que ele teria taxado de loucos todos aqueles que discordaram de Freud.¹⁰ Foi, além disso, criticada por muitos outros historiadores da psicanálise, em particular Paul Roazen, Max Schur, Didier Anzieu, André Haynal, Alain de Mijolla, Elizabeth Roudinesco e Henry Ellenberger.¹¹ Porém guarda, entre seus valores, o de ter sido escrita por um íntimo de Freud, além de conhecedor da teoria psicanalítica.

Jones, como Freud, tinha sede de saber e grande capacidade imaginativa e laborativa, que superava impedimento orgânico; seu organismo era naturalmente sadio; as afecções que teve foram adquiridas ao longo da vida.

A fim de cumprir a tarefa que aceitara de biografar Freud, Jones entrevista Martha¹², a viúva de Freud, faz leitura de cartas, recolhimento e organização de grande quantidade de material, sempre com a ajuda de Kitty, sua terceira esposa. Tem o trabalho de reescrever grande parte do volume I após a morte de Martha, quando teve acesso às cartas de Freud para ela. Quando lança este volume, em 1953, três anos após ter iniciado o trabalho, o sucesso é imediato, entrou na lista de *best-sellers* do *NY Times*, teve 10 mil exemplares da primeira edição vendidos em 2 semanas. Jones ganha grande notoriedade social com este trabalho, é chamado a entrevistas e coquetéis.

Consta no primeiro prefácio de Jones em seu livro o que ele coloca como seu objetivo particular ao decidir-se por aceitar biografar Freud: “simplesmente anotar os fatos principais da vida dele enquanto acessíveis e, principalmente, buscar vincular sua personalidade e vivências ao processo ocorrido no desenvolvimento de suas ideias” (JONES, 1979). Como

10 MARQUES, Izabel Madureira de. **A importância de ser Ernest Jones: Uma Leitura Psicanalítica sobre a Invisibilidade de um Homem Notável**. Orientador: Renato Mezan. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018, p. 272.

11 WIKIPEDIA, A Enciclopédia Livre. In Ernest Jones, relações com Freud. Disponível em :<https://pt.m.wikipedia.org> > wiki. Acesso em 03 jul.2022.

12 Martha Bernays, com quem Freud se casou no outono de 1886 após 4 anos de namoro.

objetivo mais específico da família, (partilhado, parece, por Jones também) ainda que a família entendesse e respeitasse o desejo de privacidade que Freud sempre demonstrou, diz-nos Jones, justificando o convite da família, convite este que, afinal, contrariava o desejo do biografado.

O que fez que sua atitude se alterasse mais tarde foi o aparecimento de notícias de várias estórias inverídicas, inventadas por pessoas que nunca o haviam conhecido, estórias que gradualmente se acumulavam rumo a uma lenda mentirosa. À vista disso, decidiram-se a conceder-me o seu apoio franco e integral, em minha tarefa de apresentar um relato da vida de Freud tão verdadeiro e fiel quanto me era dado realizar (JONES, p. 23, 1979).

Em 1954 recebe o título de Doutor Honorário da Ciência pela Universidade de Wales, e uma fundação lhe oferece US\$ 2 mil para pesquisa. Dois anos após ao lançamento do primeiro volume da biografia em 1953, em 1955, lança o segundo volume e o terceiro em 1957. Foram usados, assim, cerca de 7 anos para a pesquisa e redação da biografia de Freud em 3 volumes, a qual foi depois compilada em 1 só volume por Lionel Trilling e Steven Marcus, tendo sua terceira edição em 1979, da qual fizemos uso.

Embora não tenha sido a pioneira, vale salientar que foi a primeira autorizada. A anterior foi a de Fritz Wittels, amigo de Freud, escrita em 1924, “*Freud, His Personality, His Teaching, His School*” a qual foi criticada pelo biografado que ficou anos sem falar com o amigo. Logo vem “Trinta Anos com Freud”, escrita por Theodor Reik no final da vida do pai da psicanálise. “Ernest Jones dá o passo seguinte, ao penetrar nas arcas dos segredos. Quebrado o lacre, o cofre cedeu parte de seu conteúdo. Após sua biografia, a Correspondência Freud- Fliess vem à luz do dia” (RODRIGUÉ, 1995, p28).

2.2 O SURGIMENTO DO INCONSCIENTE

A escolha dos capítulos desta biografia que poderiam levar-me à compreensão do que poderia ter levado Freud a conceitualizar inconsciente deu-se por duas vias: a primeira, obviamente, por sugestão do professor orientador do trabalho, que sugeriu que fosse identificado na biografia o capítulo em que o biógrafo situava o surgimento do conceito de inconsciente; busquei então, uma vez identificado este capítulo, a situação externa vivida por Freud na época e que poderia ter contribuído para a suspeição da existência de outras forças mentais que não apenas aquelas conscientes e de fácil acesso. A segunda via deu-se por acatar a colocação de Jones, de que a amizade com Fliess foi um acontecimento extraordinário na vida de Freud; de fato, ele abre o texto, O Período com Fliess, dizendo: “Chegamos agora à

única experiência realmente extraordinária ocorrida em toda a vida de Freud” (JONES, 1979, p.290).

Ao longo das duas biografias nas quais se baseia esta pesquisa, fica clara a importância que tiveram na vida de Freud dois amigos: pela ordem cronológica de surgimento em sua vida, Josef Breuer e seguido por Wilhelm Fliess. Passemos então a tentar situá-los na vida de Freud.

O período de maior interação de Freud com Josef Breuer, médico de grande notoriedade em Viena, pesquisador e fisiologista, 12 anos mais velho que ele, desenrolou-se dos seus 26 aos 38 anos de idade. Freud tinha grande apreço por Breuer; a época de convívio mais intenso entre os dois funcionou de certa forma como catalisador para as interrogativas do jovem neurologista Freud. Pela ordem cronológica, a próxima figura de peso para ele foi Fliess¹³. E, seguindo, a releitura da consequência imediata advinda do período de amizade com Fliess, a saber, a emergência de tal estado aflitivo que, por força, numa mente especulativa, ávida por chegar às causas como a de Freud, desaguou na sua autoanálise. Como bem disse em carta endereçada a Fliess em 7 de julho de 1897:

O que se vem verificando interiormente comigo ainda desconheço. Alguma coisa que **vem das camadas mais profundas** (grifo meu) de minha própria neurose tem obstruído qualquer progresso em direção à compreensão das neuroses, e você se acha, de certa maneira, envolvido nesse fato. A paralisia no escrever parece-me ter sido designada para o fim de impedir a continuidade de nossa relação epistolar. Não posso oferecer garantias a essa ideia; é questão de um sentimento meu – de uma natureza extremamente obscura. (JONES, 1979).

A capacidade de reconhecer que algo estava tentando obstar o entendimento de seus próprios sentimentos e também de sua ação — escrever — (pois Freud queixava-se de estar com dificuldade de produzir material escrito), junto à dependência que subjazia à amizade com Fliess, estando Freud em luto pela perda do pai ocorrida em outubro de 1896 — a perda mais pungente de um homem, segundo expressou em carta a Fliess — a partir do que reviveu sentimentos que nutria pelo pai, especialmente os hostis, parecem ter sido os grandes impulsionadores de sua busca de o que seria, de onde viria, o que, afinal estava designando a paralisia no escrever e tantos outros estados aflitivos que lhe acometiam, entre eles a instabilidade de humor. O que era isto com o qual se defrontava sem ver, sem saber o que era, mas do qual sentia os efeitos?

13 Wilhelm Fliess, otorrinolaringologista em Berlim, com quem Freud viveu uma relação intensa de amizade entre 1887 e 1902, portanto dos seus 31 aos 47 anos de vida.

Breuer era, como Freud, seguidor da escola de Helmholtz, físico que tinha a teoria de que a soma das forças deve permanecer constante em qualquer sistema isolado: este princípio da constância serviu depois como fundação econômica para a teoria dos instintos de Freud. Era médico famoso em Viena, tratava a classe socioeconomicamente alta da cidade. Tinham também interesses em comum: assim como Freud, Breuer admirava os escritores Goethe e Fechner. Tornaram-se imediatamente amigos após o primeiro encontro no Instituto de Fisiologia, onde Breuer era pesquisador junto à Ewald Hering, seu professor (deve-se a eles a demonstração da natureza reflexa da respiração através do nervo vago — o reflexo de Hering-Breuer). Assim se referiu Freud a Breuer: “Ele se tornou meu amigo e meu amparo nas minhas situações difíceis. Acostumamo-nos a conferir nossos interesses científicos.” (FREUD, 1895) A amizade estendeu-se à família de ambos, a tal ponto que a filha mais velha de Freud foi chamada de Mathilde, em homenagem à esposa de Breuer.

Breuer importa, do ponto de vista da psicanálise para a biografia de Freud realizada por Jones, a partir de que descobriu, ao tratar de sua paciente Bertha Pappenheim, apresentada em prontuário médico como Anna O., que os sintomas histéricos dela (depressivos e hipocondríacos) aliviavam através da catarse obtida pelo relato da experiência traumática passada que os originaram, inicialmente obtida esta catarse através da hipnose e posteriormente pela conversa.

Breuer tratou-a de dezembro de 1880 a junho de 1882. Era uma moça de 21 anos de idade, inteligente e de traços físicos atraentes, que a partir da doença e morte do pai, do qual cuidara nestas circunstâncias, iniciou a apresentar, entre outros sinais e sintomas, paralisia e anestesia de três extremidades, alterações visuais e da fala, dificuldades alimentares importantes e tosse nervosa, tendo sido chamado Breuer para atendê-la. Partilhando com Freud o seguimento e resultados deste tratamento, Breuer apresentou-lhe o método catártico; afastou-se, porém, abruptamente do caso, assustado pela transferência e contratransferência que, ainda que não reconhecesse, ocorreu no caso — e em verdade tais fatos não eram conceituados ainda. Mais ainda, Breuer não concordava com as ideias que Freud já anunciava de que na base dos conflitos emocionais existia uma história de sedução por adultos — às vezes os próprios pais. Parece que não conseguiu admitir que ele próprio estava se vendo às voltas com estes sentimentos no tratamento de sua paciente.

Mesmo após a interrupção abrupta que Breuer deu ao tratamento de Anna O. em 18/06/1882, Freud, que acompanhava o caso com anuência daquele, continuou grandemente interessado nele; três anos mais tarde, em Paris, falou a Charcot sobre ele — mas este, apesar do peso que Freud testemunhara que ele dava à histeria, não deu a importância esperada ao

caso de Anna O. Isto, parece, teve a consequência de obstruir seu entusiasmo pela descoberta que germinava.

Mais ainda, ao apresentar seu trabalho “Sobre a Histeria Masculina” em 15/10/1886 para a Sociedade de Psiquiatria de Viena, obteve não só fria receptividade, mas até piadas. Meynert¹⁴, o psiquiatra e fisiologista com quem trabalhara junto com Breuer, desafiou Freud a apresentar provas do que afirmara, porém os médicos mais antigos negavam-se a dar permissão para que fossem usados os pacientes que apresentassem a sintomatologia que serviria para demonstrar o que haviam instado Freud a fazer. Um deles chegou mesmo a duvidar do conhecimento acadêmico de Freud — fez alusão a que Freud desconhecia que a palavra histeria advinha de *Hysteron* (útero, em grego), portanto excluía o sexo masculino. Não muito tempo depois um jovem cirurgião, Dr. Von Bereszászy conseguiu um paciente que satisfizesse os requisitos necessários: era um homem de 29 anos que, após uma discussão com o irmão apresentou hemianestesia com transtorno típico visual e na percepção da cor. O caso foi demonstrado perante a sociedade médica em 26/11/1886. Ainda quase 40 anos após, ao falar sobre o caso, Freud demonstrava amargura, dizendo que “dessa vez fui aplaudido, mas não adquiriram mais interesse por mim.”¹⁵

Meynert também se mantinha em franca oposição às ideias de Freud (e também às de Charcot). Não aceitava a teoria da autossugestão como causa da paralisia histérica, e também o uso da hipnose no tratamento. Jones coloca esta dissensão possivelmente causada por despeito em relação ao aprendizado de Freud junto a Charcot. Segundo Jones, Meynert evidentemente entendia que Charcot havia seduzido Freud, retirando-o do caminho estreito e difícil da ciência pura.” (JONES, 1979, p 243)

Logo adiante, no entanto, Jones rebate e polemiza as percepções de Freud sobre a oposição que Meynert lhe teria feito. Contrapôs o que Freud escreveu, ao dizer que Breuer o excluía de seu laboratório quando retornou de Paris em 1886, citando dados autobiográficos de Freud, notadamente em três de seus textos, a saber, naquele intitulado “Uma Nota Autobiográfica”, de 1899, volume III das Obras Completas. Neste, o editor inglês o coloca- e parece-nos que apropriadamente — como “interessante por mostrar a visão que Freud supunha ter adotado sobre suas atividades às vésperas da publicação da obra que iria revolucionar sua posição no mundo científico”.

14 Theodor Hermann Meynert, professor de Freud e colega de trabalho pelos anos 1883. Sobre ele, na Interpretação dos Sonhos, Freud relatou que, às vésperas de sua morte em 1892 lhe segredou ele mesmo ser um caso de histeria masculina.

15 FREUD, Sigmund. **OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD**. Imago, 1976. V XX. P 27

Já em 1914, no texto Sobre A História do Movimento Psicanalítico, Freud estabelece a discordância entre os preceitos psicanalíticos e as teorias de Adler e Jung, valendo-se para isto de discorrer sobre a história do desenvolvimento da psicanálise desde o seu primórdio.

Em 1925, no texto Um Estudo Autobiográfico, onde, conforme relata já no primeiro parágrafo, ele estava revendo o artigo História do Movimento Psicanalítico, mas agora já com a Psicanálise tendo seu lugar e autoria bem definidos dentro da ciência e onde ele já não tinha porque lançar mão da passionalidade no relato, fazendo então um relato objetivo da evolução que teve suas ideias e pontos de vista.

O biógrafo oferece o contraponto dizendo que na verdade Meynert o saudou calorosamente por ocasião do regresso, convidando-o a trabalhar no seu laboratório, o que aconteceu por todo aquele verão.

A deterioração da relação com Breuer deu-se, segundo ele, cada vez mais após a conferência sobre hipnotismo em maio: Um Caso de Cura pelo Hipnotismo (1892-93), e a publicação de seu trabalho sobre Charcot em outubro, apresentada como “Conferências das Terças Feiras de Charcot” (1892-94). Nesta conferência a sua colocação sobre a etiologia sexual da histeria causou enorme escândalo no meio acadêmico o que desagradou Breuer que era conservador e contrário a esta teoria.

O segundo e talvez mais impactante amigo de Freud foi Wilhelm Fliess. Era otorrinolaringologista, clinicava em Berlim. Nascido na Polônia em 1858, contava, portanto, 2 anos a menos que Freud. É descrito como tendo personalidade fascinante – Jones coloca que, de todos que o conheceram, Karl Abraham (que, diga-se de passagem, ganha de Jones a alcunha de Casmurro), foi o único que não se impressionou com ele.

Tinha interesses científicos muito amplos, aliado a uma grande capacidade especulativa e autoconfiança nas suas imaginativas ideias. Era matemático muito hábil, construiu sua “lei da periodicidade” baseado na crença em dois fatos: na periodicidade mensal do fluxo menstrual e que existia relação entre a membrana mucosa nasal e a atividade genital.

Encontrou-se com Freud pela primeira vez em Viena, em 1887, aonde viera para estudos de pós-graduação e, a convite de Breuer, foi assistir a uma conferência de Freud sobre anatomia e funcionamento do sistema nervoso, causando forte impressão em Freud. Retornando a Viena, a partir de uma primeira carta que recebeu de Freud datada de 24/11/1887, começaram a trocar correspondência, que se transformou em amizade íntima e perdurou até o ano de 1900.

A disciplina cujo descobrimento Freud incipientemente tentava conhecer nos diz que este valor atribuído a Fliess por Freud era mesmo necessário para este último; disto dependia

seu sucesso, ele advinha deste encorajamento, necessário para quem o requeria. Funciona como os ombros de um gigante, a que Newton aludiu, sobre os quais se sobe para ver mais longe.

Parece que Freud, apesar de dizer-se avesso a que a psicanálise fosse algo filosófico, não obstante isto, quando se tornou psiquicamente mais livre, após sua autoanálise, de certa forma arrependeu-se de não ter sido mais especulativo (e vale lembrar que esta característica era bem desenvolvida no seu amigo Fliess). Na análise de Dora, escreveu: “Não sinto qualquer forma de orgulho em ter evitado a especulação, mas o material que serve às minhas hipóteses foi coletado pela mais cansativa e extensa série de observações.” (FREUD, 1900)

Pode-se pensar que o espírito especulativo que ele de início rejeitava e depois acolhia, ele o delegava a Fliess. Outorgava-lhe mesmo o nível de um censor: esta foi a primeira e mais importante função que delegou ao amigo — deveria ser aquela pessoa que, recebendo os seus relatos relativos aos raciocínios que ia fazendo, suas descobertas, os possíveis fundamentos que as embasavam, deveria julgá-las, submetê-las à própria crítica e, se fosse o caso sancioná-las. Ele era, então, o crivo ao qual submetia o que descobria. E Fliess, segundo Jones, já que admirava Freud, dava-lhe as sanções que necessitava. “Seu elogio é para mim néctar e ambrosia”, retorno de Freud a um elogio do amigo, ilustra bem o efeito que lhe causava o elogio de Fliess. (JONES, p 301, cap 13, & 32)

A supervalorização que Freud devotava a Fliess fez-se muito patente em toda a correspondência que lhe enviou — recebe a alcunha de “tragicômica” dada por Jones. Exemplificando, na carta de 26/08/1898 (2 anos antes do rompimento entre ambos ocorrido em 1900), enviada de Aussie, onde poderia estar em viagem com a cunhada Minna, irmã de Martha, Freud escreve ao amigo, provavelmente referindo-se a alguma carta para Fliess:

Ontem chegou de Chiavena a alvissareira notícia do desvendamento dos mistérios do universo, da vida, da vida, de sucessos intelectuais mais lindos do que se poderia sonhar. Quer o caminho até esse objetivo venha a ser curto ou longo – sua intenção de invocar a matemática para seu auxílio parece apontar para a segunda alternativa – sinto que a estrada está aberta para você, e me regozijo mais uma vez por ter-me apercebido, já há onze anos passados de que era necessário que eu o amasse para enriquecer minha vida. (MASSON, 1986, p 334)

Ou seja, pode evidenciar-se nestas palavras que Freud atribuía grandemente a Fliess o brilho que poderia ser dele próprio. Quase que nisto anulava-se em prol do amigo. Mas, além da inegável atração recíproca que havia entre os dois, pesava enormemente o número de laços objetivos de interesses comuns, entre eles serem ambos judeus e ambos em linha de pesquisa

científica com ideias totalmente novas ao vigente na época. Eram, assim, dois “estranhos no ninho” na comunidade médica da época.

Jones enumera características encontradas em Fliess que podem ter servido para dar embasamento à idealização que notadamente Freud lhe devotava: ele acreditava que a ciência biológica deveria ter como objetivo poder descrever seus achados com base na física e na matemática (sua obra mais importante foi intitulada “Base para uma Biologia Exata”); mostrava-se muito interessado no assunto das neuroses — era, talvez, a intermediação ideal entre ciência e especulação filosófica. Possuía, em relação a Breuer, duas características que poderiam significar prováveis qualidades para Freud, quais eram, liberdade em relação a assuntos sexuais e extroversão. De fato, Fliess não se rebelava ou intimidava diante de problemas sexuais, ele os colocava no centro de seu trabalho. A aludida síndrome reflexa nasal de Fliess era uma mistura entre sexualidade e biologia, parece, bem ao gosto de Freud, concordante com sua teoria da libido, a qual ele cada vez mais oferecia como explicação tanto dos processos normais como patológicos da vida mental. Era como se estivessem explorando território proibido de mãos dadas, diz Jones em sua obra.

Em outra carta (Carta de 27 de abril de 1895) Freud diz textualmente que Fliess devolveu-lhe a saúde e a capacidade de trabalhar.

A biografia de Jones peca por não dar a referência, muitas vezes, do material que transcreve — certamente devem ter sido de alguma carta de Freud a Fliess. Ele transcreve:

Em relação às suas revelações no campo da fisiologia sexual apenas posso concorrer com a minha atenção em suspenso e com a minha admiração crítica. Encontro-me demasiadamente circunscrito ao meu campo de conhecimento para poder discuti-las. Mas pressinto as coisas mais sutis e mais importante e espero que você não se abstenha de publicar até mesmo as suas conjecturas. Não podemos prescindir das pessoas que mostram a coragem de pensar coisas novas, antes que estejam capacitadas a demonstrá-las. (JONES, 1979, p299)

E junta Jones:

(...) refletia a imagem que Freud fazia de Fliess: homem de um supremo intelecto, de juízo crítico impecável, e cuidadosamente educado nos princípios físicos e matemáticos da ciência. Mas em relação a si mesmo, esvaziado da autoconfiança que havia transferido para o seu amigo de estatura todo-poderosa, era melhor que se ativesse às observações empíricas que tenazmente estava acumulando e permitir-se somente aquelas teorizações que pudessem receber a aprovação crítica de seu mentor. (JONES, 1979)

A esta atribuição de crítico e encorajador que Freud dava a Fliess, Jones nos dá uma importante informação sobre seus efeitos no psiquismo humano. Diz ele:

O sucesso de tal encorajamento em fortificar uma desconfiança íntima é exatamente proporcional ao valor que se atribui a quem o outorga – e é o que se vê quando uma criança necessitada de ajuda da parte do pai deve, primeiramente, pintá-lo como o mais maravilhoso e o mais poderoso dos homens, antes que o pai se mostre inevitavelmente abaixo dessa imagem e assim faça que a criança se volte para Deus. Que a necessidade de Freud era grande se vê pela sua desordenada supervalorização de Fliess que, em relação a nossa subsequente avaliação dos dois homens, deve evidenciar um sabor tragicômico. (JONES, 1979)

Freud, ainda, preocupado com os efeitos deletérios que os métodos anticoncepcionais existentes na época causavam, acalentava a esperança de que Fliess, com sua matemática, descobrisse datas no mês que não oferecessem riscos de ocorrência de gravidez. Em 1893, supondo que Fliess estava por descobrir, por notícias recebidas deste, exultou de alegria, havia até prometido ao amigo uma estátua em Berlim se obtivesse êxito nesta descoberta: “...se você resolveu, realmente, o problema da anticoncepção, devo perguntar-lhe qual a qualidade do mármore que mais o agrada.” (JONES, 1979). Este teria sido, segundo Jones, o seu mais completo desapontamento em relação a Fliess.

Jones nos fala a respeito dos encontros que aconteciam entre os dois amigos, frequentemente em Viena e ocasionalmente em Berlim, o que leva a deduzir que mais frequentemente era Fliess que vinha ao encontro de Freud, encontros estes denominados por eles como “Congressos” diz Jones, assim denominados até com uma ponta de tristeza, pois Fliess era o único público de Freud nas suas novas teorizações. Estes encontros se desenrolaram por cerca de 10 anos, de agosto de 1890 até setembro de 1900 — davam o resultado em Freud de estímulo a trabalhar com mais dedicação e entusiasmo.

Ponto importante colocado por Jones, é assim descrito:

Ainda assim, foi exatamente durante os anos em que a neurose estava no seu ponto culminante, 1897-1900, que Freud realizou os seus trabalhos mais originais. Há, indubitavelmente, uma vinculação entre esses dois fatos. Os sintomas neuróticos devem ter consistido num dos caminhos pelos quais o material inconsciente lutava indiretamente por emergir, e sem essa pressão é duvidoso que Freud tivesse registrado o progresso que efetivamente conseguiu. Era uma maneira penosa de atingir esse território submerso, mas na verdade a única maneira. (JONES, 1979).

Cabe a pergunta: A única maneira para Freud, ou universalmente?

Jones descreve a neurose de que padeceu Freud nas suas manifestações externas como alterações extremas de estados de ânimo — euforia, excitação e autoconfiança x depressão, dúvida e inibição — ataques de medo de morrer e angústia de viajar em ferrovias — o que permaneceu sempre como ansiedade para não perder o trem, fazendo com que chegasse 1h antes da partida na ferrovia. Ajunta ainda Jones, sobre as amizades intensas — e neuróticas,

como costumam ser estas, em certo sentido -, e como era a que unia Freud a Fliess, que elas são raramente ou nunca exercitadas sem uma corrente subjacente de hostilidade latente. E esclarece que o provável conflito inconsciente que esta amizade implicava pode ter agido como estopim para irrupção da neurose de Freud.

Jones estabelece com clareza a relação que coloca entre a iminência da exploração do próprio inconsciente por Freud e sua dependência de Fliess. Ele diz que estes dois fatos devem ser tomados como interligados. Como expressa:

Evidentemente havia algum peso em deixar o campo seguro, embora tedioso, da neurologia pelo campo inexplorado da psicologia, o qual apresentava um supremo interesse para Freud. Certamente que significa a satisfação de um desejo absolutamente profundo arraigado em sua natureza, desejo esse que o impulsionou sempre em busca de novas conquistas. Mas deve ter sido também acompanhado de um profundo sentimento de proibição, que evocava angústia e outros estados de ânimo aflitivos e paralisadores. É como se ele adivinhasse tudo o que iria acontecer ao longo de seu caminho, e que, mais cedo ou mais tarde, seria conduzido a segredos terríveis, diante de cuja revelação sentia temores, mas em relação aos quais estava, no entanto, tão resoluto quanto o próprio Édipo. (JONES, 1979).

Pode-se ver que Jones está veladamente referindo-se às descobertas que Freud depois assinaria embaixo, a respeito das proibições relacionadas aos impulsos homossexuais que o ligavam a Fliess; talvez apenas a condição de biógrafo escolhido pela família do biografado o impediram de dizê-lo com mais clareza.

Ponto importante que se deve levar em conta para tentar entender como funcionou para Freud o relacionamento com Fliess, na expressão da criatividade que o levou à descoberta e conceitualização do inconsciente, é termos claro que o processo criativo nunca é solitário; quanto mais houver o compartilhamento com outros, maior criatividade resultará. A expressão da criatividade é um processo colaborativo, usando as palavras de Pedro Calabrez.¹⁶

A criatividade é a capacidade que o cérebro humano tem de produzir respostas. Freud atribui a Fliess a sua própria capacidade de expressar criatividade. Há que se reconhecer — e aqui, os fins podem justificar os meios, pouco importante se depois se constate que o gigante não era um gigante na realidade.

Enfim, o *blend, bled and break*, colocado por David Eagleman¹⁷ como pilar para expressão da criatividade, era em parte exercido por Fliess para e com ele. Não se trata aqui de uma apologia de Freud, porém nas postulações de Eagleman sobre o que acontece no cérebro na expressão do processo criativo, pode-se isentá-lo da acusação que sofreu por parte

¹⁶Pedro Calabrez, Doutor em Ciências (Ph.D) em Psiquiatria e Psicologia Médica pelo Laboratório de Neurociências da Escola Paulista de Medicina da UNIFESP

¹⁷ David Eagleman, neurocientista professor de neurociências na Universidade de Stanford.

de Fliess de que ele teria se apossado de ideias suas na teoria psicanalítica, sem dar-lhe o devido reconhecimento.

Segundo Eagleman, o cérebro usa de 3 mecanismos na expressão da criatividade:

— Blend: Mistura ideias anteriores (usando a memória, o que faz com que experiências passadas sejam imprescindíveis para a criatividade).

— Bled: Entorta algo já sabido, tal como nas sacadas contraintuitivas (ou seja, inspeciona ideias já existentes e conhecidas, em busca de afrontá-las para daí extrair algo novo.)

— Break: Quebra um todo conhecido em partes menores a fim de torná-lo assimilável.

Disto tudo vem que as novas ideias são sempre baseadas em conhecimento anterior, então processadas em outro cérebro, à luz de suas próprias memórias agora. Daí, um *output* diverso, a ideia nova.

3. O MESMO PESO DO AMIGO NECESSÁRIO — EM PETER GAY

Peter Gay, judeu nascido em Berlim em 1923, autor da segunda biografia de Freud, por ordem cronológica, saiu da Europa ainda adolescente com os pais, em 1939, escapando da Alemanha nazista, permanecendo em Cuba por 2 anos. Nascido Peter Joachim Fröhlich, em 1941 mudaram-se para os Estados Unidos, onde ele trocou seu sobrenome com o intuito de facilitar sua pronúncia pelos americanos. Lá graduou-se em História pela Universidade de Denver, tendo obtido os títulos de mestre e doutor pela Universidade de Colúmbia, onde tornou-se professor.

Escreveu mais de 25 livros sobre personagens da cultura que abandonara ao emigrar, sendo o mais famoso a biografia de Freud, intitulada “Freud, Uma Vida para o nosso Tempo”, publicada no Brasil pela editora Companhia das Letras, 1ª edição em 1989.

Outros estudos do historiador também tiveram Freud como parte de seu conteúdo, notadamente “O Século de Schnitzler”, sobre a formação da cultura burguesa no século XIX e “Modernismo”, onde coloca Freud como grande influenciador sobre alguns dos maiores artistas do século passado. Ainda, no livro “*Weimar Culture, the Outsider and Insider*” aplica a teoria freudiana na interpretação histórica. Estudou as técnicas da psicanálise, e as aplicou no ensino da História.¹⁸

¹⁸ Em <https://jc.ne10.uol.com.br>noticias>. Acesso feito em 31/07/22 às 21h.

Foi casado com Ruth Gay, escritora famosa que tinha por objeto a vida judaica, falecida antes dele, em 2006. Não teve filhos, tendo deixado três enteados ao falecer em 2015, nos EUA.

No prefácio da sua biografia de Freud, Gay sintetiza em parte seu pensamento em relação a seu biografado, quando escreve:

...a vida de Freud assemelha-se, na superfície, às de muitos outros médicos extremamente cultos, ativos e inteligentes do século XIX: ele nasceu, estudou, viajou, casou-se, clinicou, fez conferências, publicou, discutiu, envelheceu, morreu. Mas seu drama interior é suficientemente absorvente para atrair a infatigável atenção de qualquer biógrafo. Na famosa carta ao amigo Fliess, citada acima, Freud se disse um conquistador. Este livro é a história de suas conquistas. Revelar-se-á que a mais dramática dessas conquistas foi, embora incompleta, a de si mesmo. (GAY, 1989, pg 18).

Baseei meu foco no capítulo 2 ao buscar na biografia escrita por Peter Gay, datada de 1952 em ficha catalográfica, a provável motivação de Freud para buscar o conceito de inconsciente. Neste capítulo, intitulado “A Teoria em Formação”, também Gay — como Jones em sua própria biografia — ressalta a importância que teve Fliess no desenrolar da teoria que culminou nas bases da instituição da teoria da Psicanálise.

Também este biógrafo faz referência à fala de Freud de que sempre teve “um amigo íntimo e um inimigo odiado” (Gay, 1989) como requisitos de sua vida emocional, aludido, segundo Gay, na Interpretação dos Sonhos, e que este papel na primeira infância de Freud foi exercido pelo sobrinho Joseph, e por Fliess na época das descobertas.

Gay aprofunda-se na importância das relações de amizade funcionando como combustível para a evolução do pensamento de Freud. Traça claro paralelo entre a capacidade de ele evoluir na sua teorização em direção à Psicanálise e a coexistência de uma amizade profunda que pudesse ser enriquecedora nas suas descobertas. Analisa de forma bastante minuciosa a amizade com Breuer; ele aponta que o caso Anna O. — lembremos, caso clínico atendido por Breuer, que o ofereceu em partilha para Freud — Gay diz que foi um caso marcante, do qual Breuer não soube tirar proveito real. Aponta ainda a rejeição de Breuer frente às verdades elementares e chocantes que podem advir delas, devido às resistências que não reconheceu.

Freud manteve o interesse no assunto, não deixou passar. Breuer, lembremos Jones, ofereceu o material, o caso Anna O. Ele funcionou, como depois repetiria o fato em relação a ter proporcionado o primeiro encontro entre Fliess e Freud, como catalisador na vida deste. Estas duas amizades, Breuer e Fliess, parecem ter proporcionado o lastro para a teorização de Freud. Com a diferença que, para Fliess a sexualidade, argumento primeiro da teorização de

Freud, não representava um perigo, conseguia encará-la como algo a ser falado com clareza. Diz Gay: “Fliess, o amigo necessário de Freud, havia se mostrado muito mais receptivo.” (GAY, 1979, p 86)

Aberto à especulação de cunho sexual, pode servir como o lastro de amizade necessário para Freud a fim de sentir aceitas suas, naquele tempo, estranhas descobertas. Conforme a biografia escrita por Gay, “Fliess era exatamente o amigo íntimo de que ele precisava: ouvinte, confidente, incentivador, o primeiro a aplaudir, companheiro de especulação que não se chocava com nada. ... No outono de 1893, chegou a escrever para Fliess: — Você realmente estraga minhas faculdades críticas.”

A isto, Gay ajunta que nisto Freud deu “expressão a uma percepção que se recusaria a levar avante por mais sete ou oito anos”. Ajunto que hoje a neurociência descreve este fenômeno como resultante de uma como que inundação dos lobos pré-frontais cerebrais pelos hormônios responsáveis pelo prazer, típica dos apaixonados; seria como que uma demência temporária que os acomete.

Em carta de 21 de maio de 1894, Freud escreve: “Obviamente não é nenhum favor especial do destino eu ter aproximadamente cinco horas por ano para trocar ideias com você, quando mal consigo passar sem o outro — e você é o único outro, *o alter*.”

Gay também coloca como uma característica comum a Freud e Fliess que pode ter contribuído para intensificar a afinidade entre os dois a de compartilharem o epíteto de médicos subversivos, que divergiam do senso comum da época. O biógrafo diz: “A correspondência entre Freud e Fliess deve ter-lhes parecido uma conversa de dois monomaniacos detentores de profundas verdades ainda não reconhecidas”. (GAY, 1989)

Já quanto ao efeito causado por Fliess em Karl Abraham, segundo Gay “um observador equilibrado”, ele diverge de Jones. Diz que Abraham achou Fliess amigável, arguto, original — talvez o relacionamento mais precioso, pensava ele, que “poderia ter feito entre os médicos de Berlim.”¹⁹ Para recordar, Jones, que descreve Fliess como possuidor de personalidade cativante, diz que somente o “casmurro” Abraham não se deixou cativar.

Gay continua a analisar profundamente o que pode ter influenciado a profundidade do apego de Freud a Fliess em seu livro, e também deixa claro o quanto tinha de idealização de “seu único outro” o sentimento que Freud dedicava a Fliess. O elogio de Fliess era “néctar e ambrosia” para Freud, conforme escreveu ao amigo.

19 Não ficou claro, no entanto, na citação, se isto se referia a Freud ou a Karl Abraham mesmo.

Às ideias acerca da periodicidade de eventos na vida, nunca comprovadas, que Fliess baseava na numerologia, diz Gay que:

Freud, porém, manteve-se convencido por alguns anos, e contribuiu atenciosamente com dados para a coleção de números comprobatórios de Fliess: os intervalos de suas enxaquecas, os ritmos das enfermidades de seus filhos, as datas dos períodos menstruais de sua mulher, a duração da vida de seu pai. Nesse deslizamento para a ingenuidade não científica, havia algo mais que adulação, algo mais que pura necessidade. Freud, o grande racionalista, não estava totalmente livre da superstição, especialmente a superstição dos números. ...certos números despertavam-lhe ansiedades. Ele abrigou durante anos a crença obcecante de que estava destinado a morrer aos 51 anos, e depois aos 61 ou 62; sentia-se perseguido por estas cifras, lembretes de sua mortalidade. ...Mas sua autoanálise não o libertou totalmente dessa ponta de irracionalidade, e esse resíduo do que ele chama de seu “misticismo especificamente judaico” tornou-o suscetível às mais desbragadas especulações de Fliess. (GAY, 1989)

Parece incontestável que a visão de Gay sobre a pessoa de Fliess é mais benevolente e tolerante do que aquela de Jones; parece dar uma maior capacidade a Fliess de ter exercido um papel de importante colaborador de Freud, além do suporte de ouvinte e depositário de ansiedade. Gay enfatiza muitas contribuições importantes dadas por Fliess para o desenvolvimento do trabalho de Freud: “sólida compreensão de suas teorias, leitor atento de seus manuscritos”. Nas suas palavras: “Deu a ele uma visão da unidade básica de toda a cultura humana e do valor comprobatório de todas as manifestações humanas.” (GAY, 1989) e, para comprovar, expõe a fala de Freud em carta de junho de 1896: “Você me ensinou que uma ponta de verdade se esconde por trás de toda sandice popular”.

Ainda, lista Gay:

Ajudou Freud a voltar sua atenção aos chistes, como material útil para o escrutínio psicanalítico. E, ainda, Fliess fazia reflexões sobre a sexualidade infantil nos textos que publicou em meados dos anos 1890, anos antes que Freud se dispusesse a converter uma ideia tão escandalosa em algo coerentemente seu. Embora Freud pareça ter sido o primeiro a insistir que, no centro de todas as neuroses encontra-se uma perturbação sexual, Fliess, por sua vez, promoveu a ideia da bissexualidade humana e acompanhou atentamente Freud em sua elaboração para convertê-la em um princípio fundamental. (GAY, 1989)

Mesmo a irracionalidade de algumas ideias de Fliess, como fundamentar a biologia na matemática, Gay de certa maneira como que desvia a atenção disto, focando no peso de Freud não ter se dado conta disto, e logo depois ajunta que não é tão desprovido de propósito entender que um psicanalista possa ver um determinado órgão do corpo como tendo influência sobre outros.

Neste capítulo, Gay dedica cerca de duas páginas discorrendo sobre o papel que Martha, a esposa de Freud, exercia na vida familiar, chegando a dizer que “sua mulher praticamente tornou Fliess necessário” (GAY, 1989). Descreve-a como “uma perfeita burguesa”, atenta a manter o lar cuidado nos mínimos detalhes para o marido e os filhos. “A família girava em torno de Freud”, diz ele.

Martha, uma figura apagada à luz de Freud, seis filhos em nove anos de matrimônio, ainda que contasse com o auxílio de empregadas e da irmã Mynna, certamente pouco tempo lhe restava para cuidados pessoais. Tinha prazer em leitura, porém não foi uma companheira para o marido nas suas teorizações em direção à psicanálise. Diz Gay (1989): O psicanalista francês René Laforgue, que conheceu a família Freud nos anos 1920, contou que Martha considerava as ideias psicanalíticas do marido como “uma espécie de pornografia.”

Assim, depreende que Freud, apesar de ter um lar cheio de gente, uma família pela qual tinha carinho, e que lhe era imprescindível, estava sozinho. Tanto que, cinco dias após escrever a Fliess anunciando o nascimento de sua filha caçula Anna, numa nova carta que lhe envia expressa sua alegria por ter recebido uma de Fliess, com isto podendo “esquecer a grande solidão e privação.”

Ajunta a seguir Gay: “A associação é patética: Freud tinha carinho pela família e não teria passado sem ela. Mas a família não diminuía o seu sentimento desalentador de isolamento”. E conclui: “Foi essa a tarefa de Fliess.” (GAY, 1989)

A Gay não passa despercebida a evolução da intimidade entre os dois, notável também na evolução da forma de tratamento com a qual Freud se dirigia a Fliess nas cartas, de modo diverso ao que era corrente naquela época, onde a evolução para formas mais íntimas de tratamento era bastante lenta, a análise das cartas denota grande rapidez neste sentido. Ele diz, já sobre a primeira correspondência de Freud a Fliess, datada de novembro de 1887, que serve como expressiva sugestão da violenta emotividade que ele tentava controlar com todas as suas forças: “Prezado amigo e colega!”. Dois anos depois já mudara para “caro” e mesmo “caríssimo” amigo. Em 1893 evoluiu para “Querido amigo”, quando já há mais de 1 ano estavam se tratando pelo íntimo *du*, reservando à esposa de Fliess o *sie* mais formal.

Gay também ressalta a concomitância do início da insatisfação de Freud em relação às técnicas utilizadas no tratamento de neuróticos, vigentes na época, com a fase inicial de dependência dele em relação a seu Outro, Fliess. Discorre sobre seus passos cada vez mais direcionados à psicologia, funcionando como um período de incubação da teoria germinante. Sobre o livro das Afasias, seu primeiro livro, publicado em 1891, e ainda dedicado a Breuer, Gay nos diz:

Uma brilhante monografia em neurologia, mas...Freud espalhou citações de filósofos como John Stuart Mill e psicólogos como Hughlings Jackson...cercado por neurologistas, Freud estava começando a procurar causas psicológicas para efeitos psicológicos. (GAY, 1989)

De fato, já no início de 1890 ele abandonara a eletroterapia como método terapêutico. No inverno de 1892 relata breve caso clínico de sucesso tratado pela hipnose, Um Caso de Cura pelo Hipnotismo, constante no volume I das Obras Completas. Sobre ele, um notável caso de cura pela sugestão sob hipnose, diz Freud (1890): “... esse caso foi mais convincente e mais claro do que a maioria dos nossos tratamentos nos quais houve êxito...o êxito terapêutico foi valioso para a paciente e persistiu enquanto ela desejou levar a cabo a função afetada pelo distúrbio” (a paciente não conseguia alimentar-se e nem amamentar os filhos recém-nascidos, tendo, com a intervenção feita pelo tratamento psicanalítico, conseguido tal tarefa).

Freud apresenta elegantemente aplicada a si mesmo, ao seu próprio discurso, o que lhe fez aprofundar a relação entre consciente e inconsciente. Na terceira conferência das Cinco Lições de Psicanálise, proferidas por cinco dias a partir de 6 de setembro de 1909, na *Clark University, Worcester, Massachusetts*, em comemoração ao seu vigésimo ano de fundação, e a convite de seu presidente Dr. G. Stanley Hall, extensivo a alguns de seus principais seguidores (Jung, Ferenczi, Jones e Brill), ele iniciou dizendo: “Nem sempre é fácil dizer a verdade...”²⁰ Referia-se a seu discurso, como veremos a seguir, porém mostraria que, no que tange ao pensamento que subjaz ao conhecido e sabido pela pessoa, ocorrem fatos que justamente obedecem a esta sua postulação — nem sempre é fácil dizer a verdade!

Com este início, ele propõe-se a corrigir uma inexatidão cometida em sua conferência do dia anterior — e justifica tê-la cometido na tentativa de ser conciso.

Dissera que, tendo abandonado o hipnotismo, forçava os doentes a comunicarem o primeiro pensamento que lhes viesse na mente, pois supunha que este primeiro pensamento que lhe ocorresse traria a recordação com a informação daquilo que não tinha acesso na memória da qual podia dispor livremente. Corrigiu esta informação dizendo que isto, na verdade, só acontecia nas primeiras vezes que fazia esta pressão; continuando com ela,” vinham pensamentos despropositados, que não poderiam ser o procurado e que os próprios doentes repeliam como inexatos. Já não adiantava a insistência, e poder-se-ia de novo lamentar o abandono do hipnotismo” (p.29, volume XI de As Obras Completas de Sigmund Freud, Ed. Imago).

20 FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição standard brasileira. Tradução de Jayme Salomão. 2ª ed, Vol. XI. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1987

Seguindo, ele prossegue apresentando o que acontece quando o pensamento se torna desimpedido de aflorar e quando tem bloqueios a este afloramento, o que acontece na passagem do material não acessível (inconsciente) para o acessível (consciente). Ao conseguir emergir o pensamento, no lugar daquele procurado, ele vinha com deformações, tanto maiores quanto maiores as forças que o impediam de emergir, quanto maior a resistência que se opunha a ele – e tinha origem idêntica àquela do sintoma apresentado. Ele era, então, uma alusão ao que estava reprimido — este sim, a origem do sintoma.

“Se algum dia existiu um médico capaz de converter seus erros em fonte de discernimento, foi Freud”, diz Gay (1989). E, de fato, ao defrontarmos com a análise feita por Freud a um de seus sonhos, que ele informa ter sido o primeiro que ele submeteu a uma interpretação pormenorizada, O Sonho da Injeção de Irma, ocorrido na noite de 23 para 24 de julho de 1895, descrito e analisado a partir da página 141 do volume IV das obras completas — A Interpretação de Sonhos, parte I —, ele expõe com clareza quais as razões que fornece ao leitor para poder chegar a esta conclusão. Caso se fosse, de fato, dividir o mundo em duas espécies de seres humanos, os que aprendem e os que não aprendem, Freud inequivocamente estaria no primeiro grupo.

Ilustrando um pouco mais a importância que teve este sonho para Freud, ele, numa carta a Fliess escrita quase 5 anos após tê-lo sonhado, conta ao amigo que estivera há alguns dias numa visita a Bellevue, uma colina ponto de turismo próximo à Viena, onde estava quando tivera o sonho, e pergunta ao amigo se supõe que algum dia haverá lá uma placa de mármore com as seguintes palavras gravadas:

“Nesta casa, em 24 de julho de 1895, O Segredo dos Sonhos foi Revelado ao Dr.Sigm.Freud”

Irma era uma jovem senhora amiga tanto de Freud como de sua família, que estava em tratamento com Freud no verão de 1895, tendo por ele reconhecidas as dificuldades que este tipo de relação mista, amizade e médica, pode trazer, especialmente ao psicoterapeuta. Tinha dado por concluído o tratamento dela com êxito parcial, já que, à despeito de os sintomas de angústia terem finalizado, permaneceram alguns sintomas somáticos. Relata que por esta época “ainda não discernia com muita clareza quais eram os critérios indicativos de que um caso clínico de histeria estava afinal encerrado, e havia proposto à paciente uma solução que ela não estava disposta a aceitar.” (FREUD, 1895, p.140,)

Na noite anterior ao sonho, recebeu visita de Otto Rank, sobre o qual diz “colega mais novo na profissão, um de meus mais velhos amigos” e, sabendo que Otto estivera com Irma e sua família em sua casa de campo, perguntou-lhe como estava ela, tendo obtido a resposta de que estava melhor, mas não inteiramente boa.

Diz que as palavras de Otto, ou o tom que usara, lhe aborreceram, por ter pensado haver ali uma recriminação, como se ele, Freud, tivesse prometido demais à paciente, tendo lhe parecido também que o amigo estava tomando partido contra ele e o tratamento frente à família de Irma, que não simpatizava com este tratamento a que ela se submetia. Ajunta que esta impressão desagradável toda não lhe havia ficado muito clara, e que não a externou.

Na mesma noite, no entanto, redigiu o caso clínico com a ideia de obter a apreciação sobre ele de um colega que na época era a principal figura do círculo de amizades, com a finalidade de justificar-se. Ele se refere a Breuer.

Isto foi o que precedeu o sonho, que se desenrolava em um grande salão onde recebiam convidados, como pode ser visto a seguir:

SONHO DE 23-24 DE JULHO DE 1895

Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. — Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua. “Respondeu ela: “Ah! Se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando”. — Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum sintoma orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo — em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. Chamei imediatamente o Dr.M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente do habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhoado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.”. Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apenas do vestido) ... M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.” Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos...ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres) ... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa. (FREUD, 1895).

Ajunte-se que a personagem Irma no sonho, era uma suposta condensação entre duas pacientes de Freud — uma delas, Emma Eckstein, que fora encaminhada por Freud para

submeter-se a uma cirurgia nasal com Fliess, tendo tido grave pós-operatório que lhe rendeu anos de sofrimento e mesmo uma deformação na face, por conta de pedaço de gaze que permaneceu no interior da ferida cirúrgica, somente descoberto em nova intervenção por outro médico. O Dr. M. era Breuer, o qual, lembremos, era tido em alta e justificada consideração tanto por Freud como em todo o círculo médico da época.

Freud, no sonho, vê a fórmula da Trimetilamina impressa com caracteres em negrito. Isto leva seu pensamento ao colega (Fliess!) que,

me havia confiado algumas ideias sobre a questão da química dos processos sexuais e mencionara, entre outras coisas, acreditar que um dos produtos do metabolismo sexual era a trimetilamina.... A trimetilamina era uma alusão não só ao fator imensamente poderoso da sexualidade, como também a uma pessoa cuja concordância eu recordava com prazer sempre que me sentia isolado em minhas opiniões. Com certeza esse amigo, que desempenhou papel tão relevante em minha vida, deveria reaparecer em outros pontos desses fluxos de pensamentos...pois ele tinha um conhecimento especial das consequências das afecções do nariz... (FREUD, 1985).

É notável que todos os colegas médicos que aparecem no sonho são dotados de características negativas — a todos Freud dirige uma reprovação, exceto àquele que lhe trouxera à mente a fórmula da trimetilamina: Fliess. Este, no sonho, suplantou até o Dr. M. (Breuer) em capacidade de ser admirável, foi o único não reprovado por Freud no sonho.

Na exposição da análise que fez desta sua atividade onírica, apesar de nominar com toda franqueza seus sentimentos de inveja, vingança, autorrecriação, erros médicos e até agressividade, ele poupa Fliess; este, se formos analisar friamente, o que tinha incontestes culpas no caso de Emma Eckstein. (lembremos, uma das partes condensadas em Irma no sonho), foi o único não recriminado ou ridicularizado no sonho.

Escreveu poucas horas após a Fliess, uma carta breve, tratando-o como seu “daimon” — destino, inspiração, demônio; porém, ainda que Fliess fosse aquele depositário de suas aflições e descobertas, e ainda que o sonho tenha merecido de seu sonhador a atenção que teve, nenhuma palavra falou sobre ele nesta pequena carta. E no mês seguinte, a próxima carta, de 6 de agosto de 1895, ele começa informando que “após prolongado esforço mental, creio haver penetrado na compreensão da defesa patológica... Espero que não se trate de “ouro dos sonhos”. (MASSON, 1986, p.135)

Freud, ao final de sua minuciosa análise do sonho de Irma, onde desafia a quem o leia que tente ser mais franco do que ele, chega à conclusão de que “Quando o trabalho de interpretação se conclui, percebemos que o sonho é a realização de um desejo” (FREUD, 1895, p.155, vol. IV). E que desejo, em relação a Fliess? Isentá-lo de responsabilidade no caso

Emma, provar a sua conscienciosidade como profissional médico? Poder mantê-lo, a despeito de tudo, no posto de ser admirado e amado?

O caso Emma Eckstein, lembremos, paciente de Freud que ele encaminharia a Fliess para cirurgia otorrinolaringológica, foi um caso de flagrante erro médico, pois foi esquecido um grande pedaço de gaze no interior da ferida cirúrgica, só descoberto por intervenção de outro médico para o qual Freud a encaminhou, depois de muito tempo de padecimentos que, ajunte-se, por pouco não levou à óbito a paciente. A descrição das justificativas e indulgências dadas por Freud a Fliess durante o desenrolar do quadro são patéticas.

Gay coloca brilhantemente estas.

Alguns dos seus primeiros pacientes o haviam ensinado que os seres humanos podem saber e não saber ao mesmo tempo, entender intelectualmente o que emocionalmente se recusam a aceitar. Uma maior experiência psicanalítica ofereceria um irrefutável apoio clínico à observação de Shakespeare de que o desejo é o pai do pensamento. Uma das maneiras favoritas de se tratar com complicações inconvenientes, por mais intrusas que sejam, é a de desejar que desapareçam... Durante todo esse tempo, e mesmo adiante, Fliess continuou a ser o insubstituível Outro de Freud. (GAY, 1989)

Entendo que o estado aflitivo que fez com que Freud chegasse à necessidade imperiosa de buscar seu próprio inconsciente, foi o reconhecimento de seu exagerado apego a Fliess. Como mantê-lo ainda no aludido lugar de ser quase idolatrado que ocupava? Parece que foi como se só então ele tivesse internalizado emocionalmente algo que talvez desde antes do Projeto, com os estudos sobre histeria, Breuer e Charcot, ele já soubesse, de outra forma: sabendo e não sabendo. Só então pode sistematizar para si e para os outros, logo para o mundo. Só então se deu permissão para tal.

Jeffrey Moussaieff Masson, no prefácio e introdução de sua obra “A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess” transcorre com toda clareza a significância não apenas da correspondência havida entre os dois homens, como também sobre o peso que teve a amizade entre eles no desenvolvimento das ideias de Freud que resultaram no advento da Psicanálise.

Freud era quase reverente em relação a Fliess. No dia 1º de janeiro de 1896, escreveu: “Gente de sua natureza não deve acabar, meu querido amigo: o restante de nós precisa demais de pessoas como você. Quantas coisas lhe devo: consolo, compreensão, estímulo em minha solidão, o sentido de minha vida, que adquiri por intermédio e, por fim, até mesmo a saúde, que ninguém mais poderia ter-me restituído. (MASSON, 1986)

Continua, na página 3 do mesmo livro.

Um comentário de Robert Fliess, filho de Wilhelm, lança alguma luz sobre este ponto. Assim escreveu ele a um estudioso de Freud, Siegfried Bernfield

(a carta não publicada em inglês, acha-se nos arquivos Bernfield, na Biblioteca do Congresso), em 28 de agosto de 1944: “O Sr. está perfeitamente certo em mencionar o caráter intensamente emocional, do significado desses homens um para o outro. Escutei de ambos muitas coisas a esse respeito — de meu pai, é claro, ao longo de muitos anos, e numa longa conversa com Freud em 1929, na qual ele falou com uma fraqueza que não lhe parece ter sido muito costumeira no tocante a assuntos pessoais.” (MASSON, 1986)

4. CONCLUSÃO

Visto que nos arvoramos na certamente ousada tarefa de tentar vislumbrar o inconsciente de Freud — pois que dissemos que tentamos rastrear o que pode tê-lo mobilizado a procurar o que causava seu sofrimento e limitações — estado aflitivo este que guardamos a esperança de ter exposto ao longo de nossa revisão bibliográfica com pelo menos alguma clareza, achamos justo de alguma forma passar a palavra a ele, na seção “Justificação do Conceito de Inconsciente” do seu texto “O Inconsciente”, texto escrito em 1915, constante no volume XIV das Obras Completas.

Ali ele nos diz que a conceitualização do inconsciente é necessária e legítima. Sobre a suposição desta instância e sua conceitualização:

Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova. Estes não só incluem parapraxias e sonhos em pessoas sadias, mas também tudo aquilo que é descrito como um sintoma psíquico ou uma obsessão nos doentes; nossa experiência diária mais pessoal nos tem familiarizado com ideias que assomam a nossa mente vindas não sabemos de onde e com conclusões intelectuais que alcançamos não sabemos como..... Uma apreensão maior do significado das coisas constitui motivo perfeitamente justificável para ir além dos limites da experiência direta. Quando, ademais, disso resultar que a suposição da existência de um inconsciente nos possibilita a construção de uma norma bem-sucedida, através da qual podemos exercer uma influência efetiva sobre o curso dos processos conscientes, esse sucesso nos terá fornecido uma prova indiscutível da existência daquilo que havíamos suposto. (FREUD, Obras Completas, volume XIV).

Podemos concluir, aplicando o que Freud diz, que se sucedeu com ele mesmo, ao submeter-se à autoanálise, ao vasculhar seu inconsciente que, sim, ao buscar a causa de sua aflição e procurando-a no que supunha haver por baixo do que lhe era consciente, tangível

para ele, por baixo dos efeitos que sofria, ele exerceu a influência efetiva sobre o curso de seus processos conscientes e que, sim, obteve o sucesso que disse ser a prova indiscutível da existência daquilo que supôs: o inconsciente. No caso, o seu inconsciente.

REFERÊNCIAS

CAROPRESO, Fátima. **Inconsciente, cérebro e consciência:** reflexão sobre os fundamentos da metapsicologia freudiana. *Scientiae Studia* [online]. 2009, v. 7, n. 2 [Acessado 02 Julho 2022], pp. 271-282. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200007>>. Epub 08 Dez 2009. ISSN 2316-8994. <<https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200007>>.

CAROPRESO, Fátima. **O nascimento da metapsicologia:** representação e consciência na obra inicial de Freud. *Scientific Eletronic Library Online* [online]. 2008, v 1, n 1 [Acessado 02 Julho 2022], pp. 154. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/prgp2>>. Epub 09 Jan. 2008. eISBN 9788576002956. <<https://doi.org/10.7476/9788576002956>>.

Ernest Jones, relações com Freud. In: *WIKIPEDIA*, A Enciclopédia Livre. [San Francisco, CA: Wikimedia foundation, 2001] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernest_Jones#Rela%C3%A7%C3%B5es_com_Freud. Acesso em 03 jul.2022.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Edição standard brasileira. Tradução de Jayme Salomão. 2ª ed, Vol. I, II, IV, V, XI, XIV. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1987.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **1936 – Freud e o Inconsciente.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.

GAY, Peter. **Freud: Uma Vida Para o Nosso Tempo.** Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2019.

INTERNATIONAL PSYCHOANAYTICAL ASSOCIATION. [A **História do IPA: A origem e desenvolvimento do IPA**]. Londres, IPA. Disponível em: https://pt.ipa.world//IPA/en/IPA1/ipa_history/history_of_the_ipa.aspx. Acesso em: 03 Jul. 2022.

JONES, Ernest; TRILLING, Lionel (org.); MARCUS, Steven. **Vida e Obra de Sigmund Freud.** Tradução: Marco Aurelio de Souza Matos. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1979.

LINO, Carolina Esselin de Sousa. **O Sonho da Injeção de Irma:** A inauguração da Psicanálise nas Falhas do Saber. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MARQUES, Izabel de Madureira. **A importância de ser Ernest Jones:** uma leitura psicanalítica sobre a invisibilidade de um homem notável. 2018. 288 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) — Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

MASSON, Jeffrey Moussaief. **As Correspondências Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1986

RODRIGUÉ, Emílio. **O Século da Psicanálise.** 1895-1995. São Paulo: Escrita, v.I 1995

VOLICH, Rubens Machado. **Psicossomática, de Hipócrates à psicanálise.** São Paulo: Blucher, 2022.

WHITEBOOK, Joel. *FREUD: An Intellectual Biography*. United Kingdom: Cambridge university Press, 2017. Reprinted 2018.